

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

Representações de gênero e geração em revistas e jornais da década de 1980

Ana Maria Marques*

Resumo: Este trabalho tem como proposta: mostrar algumas imagens representativas e recorrentes em alguns jornais catarinenses e revista de circulação nacional, na década de 1980, que trazem como tema o envelhecimento. As imagens constituem parte da rede discursiva que representam um ideal a se atingir ou perseguir, são perpassadas por poderes e movimentam o mercado da beleza e da atividade dos corpos. As imagens são tomadas como representação, como produção e como desconstrução de modelos de velhice – que por sua vez são atravessadas pelas relações de classe e gênero.

Palavras-chave: gênero - geração – representações da mídia

Résumé: Le propos de ce travail est de montrer quelques images représentatives et courantes dans des journaux de Santa Catarina et revues de diffusion nationale qui, dans la décennie 1980, abordent le thème du vieillissement. Ces images constituent une partie de la trame des discours qui proposent un idéal à atteindre ou à poursuivre, sont récupérées par des pouvoirs et animent le marché de la beauté et de l'activité physique. Ces images sont prises comme une représentation, comme des œuvres de production et de déconstruction de modèles de vieillesse qui sont eux-mêmes marqués par les relations de classe et de sexe.

Mots-clés: genre - générations - représentations des médias

Considero aqui, texto e imagem que tratam sobre o envelhecimento como fonte empírica. Selecionei três mídias da década de oitenta, duas especificamente dentro do Estado de Santa Catarina - o jornal “O Estado” e “Diário Catarinense” - e outra - a revista “Manchete” - de ampla circulação nacional e que, conseqüentemente, teve seu público leitor também em Santa Catarina. Estas fontes representaram, de certa maneira, um padrão, uma forma de mostrar o/a idosa/a que nos permite perceber onde centram os aspectos mais valorativos e onde silenciam ou escamoteiam aspectos considerados, por vezes, de menor importância (comercial ou não) que atingem as subjetividades. O que significa dizer que o público não é necessariamente modelado pela mídia, mas que as imagens e textos podem ter permitido, bem como foram resultado, de múltiplas escolhas dos editores e leitores.

Concordo com Michel de Certeau (1994: 39) quando diz:

(...) a análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “fabrica” durante essas horas e com essas imagens. O mesmo se diga no que diz respeito ao uso do espaço urbano, dos

* Professora da Universidade do Vale do Itajaí. Mestre e doutora em História, pela Universidade Federal de Santa Catarina.

produtos comprados no supermercado ou dos relatos e legendas que o jornal distribui.

Ao trabalhar com estas mídias mantive sempre a mesma pergunta ao revirar as páginas: o quê e de que maneira se falava sobre envelhecimento naquela época, mesmo quando palavras como “velho”, “velhice”, “idoso”, “idosa” ou “terceira idade”, não apareciam?

“O Estado” foi, durante boa parte desta década, o jornal de maior circulação em Santa Catarina. A partir de 1986 enfrentou um forte concorrente – o “Diário Catarinense” – um desdobramento do projeto da RBS (Rede Brasil Sul), vindo do Rio Grande do Sul, com a intenção de criar um modelo tablóide, como era o “Zero Hora” de Porto Alegre. O objetivo (alcançado, diga-se de passagem) dos seus idealizadores, era ser o primeiro jornal a atender diariamente todo o estado de Santa Catarina, já que os maiores até então (“O Estado”, “A Notícia” e o “Jornal de Santa Catarina”) tinham atuação mais regionalizada.

Os desdobramentos das redes midiáticas contribuíram sobremaneira para dar visibilidade a temas até então pouco debatidos. Em pleno momento em que se discutia a abertura política, os direitos e a cidadania constituíam-se como amplo debate – neste rol a velhice encontra também um espaço de discussão.

A expressão “terceira idade” ganhou força nesta década de 1980. Entre os jornais pesquisados, encontrei-a pela primeira vez, no “Diário Catarinense”, de 27 de setembro de 1987, quando a jornalista Bernadete Santos, escreveu uma matéria, sem foto, sobre o Dia do Idoso. Ela dizia que depois dos 60, 70 anos, os idosos são tratados como filhos pelos seus pais e que nos asilos os pais esperavam a visita dos filhos neste dia de festa, mas completou: “Não é isso que o idoso quer. Atenção em dia marcado. Amor em prestação. (...) Pensar que não existem atividades que os velhos possam desempenhar depois da aposentadoria é desconhecer toda a questão que envolve a terceira idade.” (grifo meu) A jornalista, no afã de dar alguma explicação à “toda a questão que envolve a terceira idade”, referia-se ao crescimento da população idosa e das iniciativas de reintegração dos profissionais à empresa mesmo depois de aposentados, a exemplo da Volkswagen. Terminou sugerindo que as políticas governamentais não esquecessem os “velhos”, pois, disse ela: “Ser velho e pobre, no nosso país, é ser marginalizado duas vezes”. Mesmo que esta fala não parecesse nova, já apontava para uma discussão sobre direitos e sobre a inclusão da velhice nos projetos de cidadania. A palavra “velho” continuava aparecendo associada a um modelo de exclusão (o asilo, a solidão) e a “terceira idade” era anunciadora de um novo padrão de velhice.

Com a discussão iniciada na década de 1970, tornou-se imperativo que as instituições voltadas para os idosos deveriam mudar, não só os nomes, de asilos para lares, por exemplo, mas seus estatutos e seus regimentos internos, mesmo no conflito de estruturas viciadas e sem recursos.

Na via das concepções emergentes do tratamento a/o idoso/a, no natal de 1982, o jornal *O Estado* noticiou o bom andamento do Lar São Francisco. O Lar era então dirigido pela irmã franciscana Gabriela Herman e não se aceitava lá pessoas acamadas ou doentes. A irmã confirmava ao jornal o clima de tranqüilidade lá existente, que, segundo ela: “faz com que as pessoas se sintam bem e não pensem em outra coisa. Muitas vezes elas têm parentes, mas não querem sair daqui”. A notícia não possuía foto ou depoimento de internos.

No Asilo Dom Bosco, em Itajaí, um casamento aconteceu em 1980. O fato foi noticiado pelo jornal “O Estado”, de 20 de março daquele ano, como sendo o único casamento em asilo registrado em Santa Catarina até então. O casal era formado por Domingos Fumagalli, 75 anos, e Catarina Joana da Cunha, 60 anos de idade. Ele era natural de Nova Trento, estava no asilo há três anos por circunstância do falecimento de familiares, segundo o jornal, e ela era de Barra Velha, há um ano estava no asilo (não diz por que motivo). Teriam resolvido se casar porque “sentiram-se atraídos um pelo outro”. Com a autorização do diretor da casa, Haroldo Schneider, o casamento aconteceu no “dia do ancião”: 30 de setembro. O casal planejava deixar o asilo, embora a instituição tivesse cedido um quarto para os dois. O diretor disse, conforme o publicado, que o asilo não era uma prisão e que alguns até freqüentavam bares próximos. Referindo-se ao “abandono” e “solidão” ele concluía: “Não proibimos desde que



Domingos e Catarina: o casamento foi a melhor maneira de superar a solidão.

não fiquem embriagados, porque seria injusto impedir seus desejos, na situação em que se encontram”. Segue a foto do casal que acompanhava a matéria.

A imagem mostrar uma pose clássica de indicativo de gênero e geração: ele se apossa e ela se submete com recato. Também transmite a idéia de conjugalidade no asilo, elemento novo possibilitado nas relações dos asilados – anunciava mudanças na dinâmica das instituições.

Os jornais noticiavam também a formação de grupos de idosos. As comemorações da Semana do Idoso do ano de 1981 revelavam a participação massiva de mulheres. Setenta senhoras foram convidadas a reunirem-se no Colégio Governador Ivo Silveira, de Palhoça (município da região da Grande Florianópolis). “O Estado”, do dia 27 de setembro deste ano, divulgava: “Elas se reúnem todas as quintas-feiras sob a coordenação de Lair Hoeller, 58 anos, que diz: ‘em nossas reuniões ensinamos trabalhos manuais e fazemos passeios pois muitas delas nunca tinham ido nem mesmo até o aeroporto de Florianópolis’”.

Esta reportagem trazia uma imagem positivada da velhice. Todas as idosas citadas deram depoimentos de bem viver a velhice e atribuíam ter encontrado este sentido no grupo. Outra depoente era Olívia Emília Geddert Brum, então vereadora pelo PDS, “muito ativa em Palhoça”. O grupo, formado por mulheres, aparecia como um espaço de ação e atuação política também. Segue a foto desta reunião e das depoentes. As expressões de seriedade contrastam com a afirmativa de que elas estariam “amando a velhice”. Elas são acionadas pelo mecanismo discursivo encorajador que as coloca de frente com interlocutoras que vivem a mesma experiência do envelhecimento, no entanto, com engajamento na comunidade e na



vida política partidária. Seguem as fotos do jornal:

Na visibilidade abstraída dos jornais, percebe-se que há uma positivação da imagem de idosos/as, sobretudo realçando o resultado do trabalho dos grupos de idosos/as e a integração que os mesmos eventualmente faziam com outras instituições, inclusive asilares, nas semanas comemorativas. Percebe-se aí uma rede discursiva que, através de representações governamentais ou comerciais, aciona e dita um modo de se envelhecer. Integrar o idoso à comunidade era a tônica discursiva de todos os representantes de associações e instituições voltadas à velhice. Estes discursos justificavam os investimentos financeiros nos anos seguintes em construções de centros de convivência e contratação de profissionais para trabalhar com esta população idosa.



No campo das novas instituições destinada a idosos/as, o Centro Vivencial para Pessoa Idosa, teve sua pedra fundamental erigida em setembro de 1982. O jornal "O Estado", de 25/09 daquele ano, dizia tratar de iniciativa "primeira do gênero do país pela sua filosofia de ação integrando o idoso à comunidade em articulação com as instituições públicas e privadas" e também entidades filantrópicas. O projeto de construir uma instituição, em regime de internato para idosos/as, reunia o empenho da UFSC, UDESC, igrejas e escolas. A inauguração aconteceu em novembro, anunciou *O Estado* do dia 12. O jornal dizia que esta obra era a realização das metas traçadas pelo Programa de Assistência ao Idoso, implantado em 1976. O fato foi noticiado também por *A Gazeta* de 29/09/1982 que enfatizou o trabalho do pastor metodista Willian Schissler Filho. O *Diário Catarinense*, de 05/05/1993, confirmava a importância do pastor para fundação e efetivação desta obra. O projeto, no entanto, atenderia a um público proveniente das camadas médias e/ou altas, pois os custos de manutenção desta estrutura (composta por suítes individuais, grandes jardins e área externa para criação de animais, cultivo de hortas, plantas e flores, entre outras coisas) não seriam cobertos pelo poder público.

Ao mesmo tempo em que os grupos de “terceira idade” emergiam, havia uma separação de espaços, logo convencionados como “de mulheres” e outros “de homens”. As mulheres apareciam, de maneira cada vez mais recorrente, fazendo parte de um “movimento de libertação” da vida doméstica, enquanto os homens, nos espaços de exercício de masculinidade (associações de aposentados, praças públicas, por exemplo) resistiam, não interagiam muito com elas, em especial neste momento, e as observavam, por vezes, sob rótulos (“assanhadas”, “festeiras”) que os protegiam.

A Revista Manchete, escolhida nesta pesquisa como elemento midiático comparativo na análise discursiva sobre envelhecimento na década de oitenta, apresenta-se com outra abordagem. A “Manchete” surgiu na década de 1950, e foi considerada a segunda maior revista brasileira desta época. Empregou uma concepção moderna, tinha como fonte de inspiração a ilustrada parisiense “Paris Match” e utilizava, como principal forma de linguagem, o foto jornalismo. A revista atingiu rápido sucesso e em poucas semanas chegou a ser a revista semanal de circulação nacional mais vendida do país, destituindo a renomada e, até então, hegemônica “O Cruzeiro”. A *Manchete*, da Bloch Editores, circulou até o ano 2000.

Mesmo não tratando diretamente do tema velhice, o apelo da revista para uma maneira mais adequada de envelhecer estava colocada, nos textos, nos anúncios publicitários, nas imagens. Grandes nomes do universo cinematográfico hollywoodiano passaram a compor o imaginário de beleza de uma geração que tomou personagens e pessoas como modelos. O despojamento, a disposição, a beleza, mesmo que performáticas, estavam colocadas a todos/as que tinham acesso à revista como ideais a serem alcançados ou buscados, ou não, de alguma maneira. Ao iniciar pela composição das capas eu poderia concluir que velhos não “vendem” revista, no sentido de que, se a intenção era atrair o comprador com “imagens atraentes” (mulheres jovens e bonitas eram recorrentes, por exemplo), muito raramente uma pessoa idosa era capa de revista.

As imagens a seguir (Revista Manchete, n. 1634. 13 de agosto de 1983 e Revista Manchete, n. 1891. 16 de julho de 1988), colocadas lado a lado, exemplificam o que coloquei anteriormente: mulheres jovens modelos, como Luiza Brunet, apareciam com frequência nas capas, enquanto o velho só aparecia quando tratava-se de alguém de renome nacional, como o Chacrinha, cuja imagem remete a própria representação que ele criou de si como um personagem. Mesmo na revista que mostra o corpo jovem da modelo, recorre-se ao expediente das técnicas de “rejuvenescimento sem plástica”, havia, de maneira recorrente, um apelo comercial aos tratamentos pra evitar o envelhecimento.



Dois elementos marcaram significativamente a diferenciação do gênero na velhice: a beleza para as mulheres e a virilidade para os homens. O mercado da beleza, referenciado no padrão da juventude foi, e ainda é, um dilema para as mulheres, tanto quanto foi e é o desempenho sexual para os homens, que por sua vez, também é comparado ao da juventude. Ou seja, a perda do desempenho ou da beleza, constituíram-se para homens e mulheres como marcadores de envelhecimento e do gênero, encontrando ainda os entrecruzamentos de classe e etnia.

A assimilação e interferência nas vidas de muitas pessoas que viveram a velhice dependiam, inegavelmente, dos acessos e condições econômicas de consumo, mesmo que o sonho estivesse para todos/as. Todavia, nas performances de gênero e geração se é possível ser muitas coisas que, sob o aspecto frio da classe, não seriam concebíveis. Nesta “coalizão aberta”, utilizando as palavras de Judith Butler (2003: 37), é possível afirmar identidades instituídas e abandonadas, conforme as propostas em curso.

As mídias interferiram nos mecanismos de subjetividades. Esta profusão de mensagens e significados textuais e visuais atravessaram, marcaram e produziram identidades. Entendo, na perspectiva de Stuart Hall (2000: 108), que as identidades são construídas nos e através dos discursos, nas práticas e posições que podem se cruzar ou não, e que estão sujeitas a uma historização.

Referências bibliográficas:

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. 6.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

HALL, Stuart. “Quem precisa da identidade?” In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.) **Identidade e diferença**: a perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000.